

João Manuel Pereira da Silva

Pelos *romances*, começam quase todas as literaturas; a infância dos povos é sempre embalada no berço das ficções, e dos jogos da imaginação; e demais o *belo sexo*, que desde o começo das sociedades, rigorosamente falando, tem dominado o mundo, e dirigido o gosto, uniram-se mais a esta *especialidade* da literatura, por representar em mais vasto quadro, que nenhuma composição, os desvarios da vida humana, os sentimentos de nossa alma, os queixumes e gemidos de nossos corações; e na verdade o *belo sexo*, tão digno de governar os homens por sua própria fraqueza, e pelos dotes da formosura, com que o mimoseou a natureza, tem toda a razão em sentir-se atraído por essa espécie ou gênero de literatura, com que nasce a humanidade, e com que morre. Os mancebos e os velhos amam em demasia ler e escutar romances, sentem seus peitos palpitar à menor sensação, e que há aí de mais sublime, do que uma destas belas reminiscências da infância, que nutre nossa alma, releva-nos o vigor, e o brilho, que então tínhamos?.. Que há aí de mais aprazível do que a recordação de um antigo prazer, de um velho gozo, com que, parece, saboreamos o resto da existência mundana?..

Assim pois o romance não é novo gênero de composição; os hebreus o conheciam, por quanto na mesma Bíblia, nesse tesouro de belezas poéticas e tabernáculo de pura moral, deparamos apoiado em velhas tradições o conto de José e seus irmãos, a história de Booz e de Ruth, e a do forte Sansão. São as crenças populares, hábil e poeticamente escritas, adornadas com todo o vigor de imaginação, e eletrizadas pela reminiscência dos acontecimentos, que pairavam sobre os tetos de Jerusalém, nas planícies da Palestina, nas montanhas de Jericó.

¹ Texto originalmente publicado no *Jornal dos Debates*, de 23 de setembro de 1837, na seção "Literatura". Este texto nunca foi recolhido em livro, sendo aqui republicado pela primeira vez.

Os gregos e os romanos também conheciam o *romance*, e possuem neste gênero – o *Asno* de Luciano – os romances de Daphnis e Chloé – Ismeno e Ismenias – Theageno e Charicléa.

Porém a média idade é a época favorita do reinado dos romances. No tempo, em que nossos pais se apaixonavam pelas belas damas, que faziam o adorno da corte de Carlos Magno, e por brilhantes *Andaluzias*, que faziam a glória das Espanhas, as imaginações tocaram o zênite do entusiasmo, e da exaltação. E que mais belo tempo, que aquele, em que possuídos por um amor puro e casto, saboreamos as delícias, de ausente do objeto amado, pensamos que elas de nós cuidam, que elas com nós sonham; que o mesmo teto, o mesmo leito na imaginação nos reúne?... A história dos doze valentes, paladinos da corte de Carlos Magno, com cujo sangue ainda fumejam as florestas de Rocenvailles, cheia de tanto maravilhoso, que nos arrasta a novo pesar, e de uma influência extraordinária daquela religião fatalista, característico dos tempos ainda bárbaros, por ventura encontrará algum de nós, cuja alma emudeça à vista de tantos prodígios de valor, e de uma majestade superior, só própria a idades de entusiasmo? E o romance do Cid, desse valente Rodrigo, cujo apanágio fora a defesa do fraco contra o forte, do pobre contra o rico, dessa estrela da Espanha antiga, cuja moral era pura e nobre, e cujos sentimentos eram de lealdade, fidelidade, amor, e religião? E que prazer não sentimos, quando vemos o valente Raul de Coucy exalar seus dolorosos suspiros no seio dos sanguinários combates, às ribas do Jordão, e do Mar Vermelho, nos mosteiros de Bethlem?...

E por ventura não influi este gênero de composição tão aproximada à natureza, em todas as nossas faculdades? Não nos faz galopar o sangue nas veias, e estremecer todo o nosso ser, inchando-se com desejos de empresas gloriosas, e de sublimes destinos?... posteridade!...posteridade!...O que és tu?...Quem te não olvida?

Constatemos o sucesso dos romances, citando o sublime Dom Quixote, o Orlando furioso, e amoroso, as composições de Richardson, Swift, Lesage, etc, e cheguemos à nossa época, ao século XIX, que tudo modificou, graças à revolução francesa, que despejando ondas de sangue, tantos benefícios entretanto trouxe ao mundo, e à civilização; revolução tão insultada pelos que não aprofundaram seus mistérios, e sua influência benéfica, e a quem devemos a *liber-*

dade legal, a representação popular, de que gozamos; época selada por sangue de mártires, e que deslisou à humanidade tão sublimes lições de progresso.

O homem, que mudou inteiramente a forma dos romances, e lhe imprimiu certo espírito histórico, certos tipos do belo ideal, foi Walter Scott. Nós já nele falamos, e em sua influência sobre a moderna literatura, em um número deste Jornal²: contestar essa influência, é negar a existência dos astros. Este homem enterrando-se nas crônicas escocesas, e nos *clãs*, que habitam nas montanhas geladas desse pitoresco país, arrancou tão belos sons, tão lindo episódios, que formam o encanto do *belo sexo* da Europa. E se há alguma coisa de que nos espantemos, é que as nossas jovens senhoras, que aquecidas por um clima quente, são dotadas de uma imaginação de prodigiosa, e de um puro entusiasmo, não tenham ainda tido os romances desse Homero escocês, porque ainda se não traduziram na língua portuguesa, aliás tão cheia de maus romances, e de péssimas novelas. Porque não há de o nosso *belo sexo* gozar das delícias de ler – Ivanhoé, e Rob Roy – e, derramar uma lágrima sobre a página, que descreve a morte da *noiva de Lammermoor*, e da *amante de Waverley*?

Cooper é um imitador americano de Walter Scott; é o bardo das florestas do novo mundo, que nos desenrola o painel da vida dos nossos selvagens, dos antigos senhores da América: portanto os seus romances também devem ser traduzidos para instrução e prazer das nossas compatriotas.

Victor Hugo, Alfredo de Vigny, Manzoni, Thomaso Grossi, Splaidler, seguiram as pisadas do autor de *Marmion*, e honraram suas patriotas com primores d'arte, tais como – *Cinq-Mars* – *I promessi Sposi* – *Notre Dame de Paris* – *Marco Visconti* – *Bianca Cappello* – etc, etc.

Eis aqui todos os frutos da escola histórica de Walter Scott, que tão grande revolução fez na literatura, e que exaltou tanto as pessoas dotadas de vaporosas imaginações.

² Pereira da Silva se remete à sua resenha crítica ao espetáculo teatral traduzido do original de Walter Scott, "*Noiva de Lammermoor*", encenado no Teatro da Praia de D. Manoel, publicada no nº 19, de 8 de julho de 1837, p. 74-75.

Há um outro gênero de romances, porém curtos, e simples, e onde reina mais que tudo a riqueza poética. Neste gênero nada há de histórico, é tão somente a apologia do sentimento íntimo, e dos sofrimentos internos; este gênero é todo de concepção filosófica, e podemos dizer que o seu criador é Goethe. Os melhores dentre estes romances, e dos quais alguns nós tentamos transladar para a nossa língua, são – *Werther* de Goethe – *o Visionário* de Schiller – *Paulo e Virgínia* de Bernadin de Saint Pierre – *Atala, René, e o último dos Abencerrajas* de Chateaubriand – *Adolfo* de Benjamim Constant – *últimas cartas de Jacopo Ortis* de Ugo Foscolo – *Nova Heloísa* de Rousseau.

Falta-nos agora espaço, para mais expendermos algumas observações sobre o *romance*, gênero de literatura, que predominando, como acima dissemos, no gosto do *belo sexo*, repercute sua influência sobre toda sociedade, governa os costumes, e dirige as nossas vontades, e desejos. Em outra ocasião conversaremos mais longamente sobre tal assunto.